



OCORRÊNCIA DA DOENÇA DE PACHECO E POLIOMAVÍRUS EM PSITACÍDEOS MANTIDOS EM CATIVEIRO NO BRASIL

Silvia N. Godoy, Ken Latimer, Liliane Millanelo, Cristina Fotin, Eliana R. Matushima

1-Depto. de Patologia da FMVZ/USP - Av Prof Dr Orlando Marques Paiva, 87 - Cid
Universitária /SP 05508-900. silviang@usp.br. 2-Department of Pathology/College of
Veterinary Medicine/University of Géorgia/USA. 3- Parque Ecológico do Tietê – São Paulo.
4-Clínica Veterinária Jardim Ester

A doença de Pacheco foi descrita pela primeira vez no Brasil, em 1929 por Genesio Pacheco e Otto Bier, que relataram uma infecção fatal em *Amazona aestiva*, que inicialmente pensaram tratar-se de clamidiose. Esta condição caracterizava-se por depressão associada a diarreia amarela-esverdeada, regurgitação, sinais nervosos evoluindo rapidamente para o óbito. Os achados histopatológicos caracterizavam-se por hepatite necrótica multifocal, associada a presença de estruturas acidofílicas e outras eosinofílicas compatíveis com corpúsculos de inclusão intranucleares. A condição foi nomeada "doença de Pacheco" por Tindlay em 1933, e o agente envolvido, um herpesvírus, confirmado por Simpson em 1975 e 1977. Posteriormente a este surto, não foram mais encontrados relatos de diagnóstico de desta doença no Brasil. O herpesvírus envolvido na doença é altamente espécie-específico, e determina alta mortalidade em *Amazona aestiva*. O poliomavírus foi primeramente diagnosticado nos EUA e Canadá em 1981, estando associado a depressão, regurgitação, diarreia e hemorragia subcutânea em psitacídeos. À necropsia podem ser vistas hemorragias superficiais em todos os órgãos e necrose hepática massiva, e microscopicamente podem ser visualizadas inclusões intranucleares em fígado baço e rim. Apesar de ser descrito na literatura, não foram encontrados relatos da ocorrência da doença no Brasil. O objetivo do trabalho foi relatar a ocorrência destas doenças no Brasil. Um *Amazona aestiva*, oriundo de um centro de triagem de animais silvestres, apresentou um aumento de volume periorbital de consistência macia e coloração esbranquiçada, que recidivou após a retirada cirúrgica, mais agressivamente, optando-se pela eutanásia do animal. O exame macroscópico revelou uma hepato e esplenomegalia severa, associada a coloração pálida dos mesmos. À microscopia foi possível visualizar quadro compatível com linfoma, que caracterizava-se por intenso infiltrado de células linfóides anaplásicas em fígado, baço e rim, e o mesmo tipo de celular compunha a massa neoplásica. Associados a alteração hepática, foi possível identificar a presença de estruturas arredondadas, acidofílicas compatíveis com inclusão intranuclear. Outro animal, um *Psitaculla krameri*, oriundo de um pet shop, apresentou-se prostrado, e vindo a óbito logo a seguir. Durante a necropsia, os principais achados foram hepato e esplenomegalia, e ao exame microscópico revelou a presença de grande número de estruturas compatíveis com inclusões intranucleares acidofílicas. O material suspeito de ambos os casos, foi submetido a hibridização "in situ", utilizando-se sondas específicas para herpesvírus, responsável pela doença de Pacheco, e poliomavírus de psitacídeos. O primeiro animal revelou a presença de herpesvírus, provavelmente secundário ao processo neoplásico, que determinou uma possível imunossupressão do mesmo. O segundo animal revelou além da presença do herpesvírus, poliomavírus em fígado e baço, sendo o responsável pelo maior número de inclusões, e provável responsável pela morte do animal. Acredita-se que o número de animais infectados e que vem a óbito decorrente destes agentes no Brasil, sejam bem frequentes, entretanto a falta de um diagnóstico biomolecular mais específico, impede que muitos casos não sejam confirmados.

APOIO FINANCEIRO: FAPESP/SP.